A miséria e a fragilidade humanas sob o olhar da arte: uma leitura em obras de Carter e Portinari

Luana Paula Candaten[1]

Maria Thereza Veloso[2]

RESUMO: O presente artigo apresenta, com apoio em Barthes, Santaella e Dondis, uma leitura da obra *Os retirantes*, de Cândido Portinari, e da fotografia de Kevin Carter, ganhadora do prêmio Pulitzer-1994, tentando identificar de que forma esses artistas reproduzem, em duas artes diferentes e ao mesmo tempo semelhantes, a miséria em que se encontram milhares de pessoas, em diferentes partes do mundo e a fragilidade causada por ela. Essa leitura realizou-se mediante análise, paralelamente, do papel da arte na sociedade, de que forma ela pode se introduzir no meio social não apenas para retratá-lo, mas também pela forma com que atua nessa mesma sociedade, como agente de educação e motivadora de reflexão sobre a realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Portinari. Kevin Carter. Sociedade representada. Arte social. Leitura comparatista de imagens.

INTRODUÇÃO

A arte, em seu significado mais simples, pode ser definida como uma atividade humana ligada a manifestações de ordem estética, feita a partir de percepções, ideias, sentimentos do artista. Mas se ela for estudada mais

[1] Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI, Câmpus de Frederico Westphalen, bolsista Capes.

[2] Doutora em Letras, área de Linguística Aplicada. Docente do Departamento de Linguística, Letras e Artes da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI, Câmpus de Frederico Westphalen.

intimamente, e é o que será feito neste artigo, perceberemos que há muita coisa além daquilo que está na superfície.

Essas manifestações que partem da percepção do artista variam muito, de acordo com o instrumento pelo qual será mostrado pelo próprio artista, pois cada um tem uma visão mais específica daquilo que quer mostrar e, indiretamente, pela pessoa que vai observar essa manifestação. A arte é uma representação ou reprodução da realidade.

No caso deste estudo as manifestações que serão analisadas serão a pintura *Os retirantes*, de Cândido Portinari, obra de 1944 que retrata uma família assolada pela seca nordestina e a fotografia de Kevin Carter, de 1993, ganhadora do prêmio Pulitzer em 1994, em que o fotógrafo captou a cena de uma criança africana, pobre e faminta, quase sucumbindo à sua condição enquanto um abutre a espreitava supostamente esperando a sua morte para poder se saciar.

Esta análise proposta aqui englobará vários fatores, como um pouco da história destes dois objetos estudados, ou seja, uma breve contextualização da concepção histórica e ao mesmo tempo momentânea do traço do pincel na tela de Portinari e do "click" da câmera de Kevin Carter, uma breve explanação da pintura e da fotografia enquanto arte e um estudo um pouco mais latente no sentido social da arte, como ela retrata a condição humana como reflexão e objeto de estudo, como ela pode ser vista como crítica social e como apelo para que a situação de miséria em que tantas pessoas vivem possa ser mudada.

Observar estes fatores pode ser importante para descobrir como trabalhar certos aspectos da sociedade, transformá-los em objetos de análise utilizando-os para tentar mudar a realidade apresentada neste trabalho.

1 PINTURA E FOTOGRAFIA: DUAS ARTES RELACIONADAS

A arte, como já vimos, é uma manifestação humana feita a partir de percepções e emoções do artista. Ela pode se expressar de diversas maneiras, dentre elas a pintura e a fotografia, que iremos abordar aqui.

O "nascimento" da arte se deu antes mesmo da invenção da escrita. Seu surgimento foi marcado no período paleolítico, em que os pré-históricos desenhavam cenas nas paredes das cavernas, as chamadas pinturas rupestres, que mostravam, geralmente, cenas de caça. Com o tempo, a arte foi evoluindo e ganhando novos significados, conceitos e outros tipos de reprodução além da pintura. Segundo Neto,

> Temos conhecimento de que a produção artística, como todo produto do trabalho humano, é constituída de significados que estão relacionados a homens, culturas, lugares e tempos distintos. No caso das Artes Plásticas, na qual a imagem é um dos elementos que constitui o objeto artístico, esses significados estão relacionados também aos conhecimentos que norteiam nossa forma de olhar (NETO, 2006, p. 12).

Neste artigo, registramos algumas reflexões sobre pintura e um pouco sobre a fotografia, duas artes diferentes, mas que se assemelham no que diz respeito à mostra de imagens estáticas, bem como algumas maneiras para melhor analisá-las. A respeito da imagem, referindo-se tanto às imagens naturais como às artificiais, Santaella afirma ser

> Um artefato, bidimensional (como um desenho, pintura, gravura, fotografia) ou tridimensional (como em uma escultura), que tem uma aparência similar a algo que está fora delas – usualmente objetos, pessoas ou situações – e que, de algum modo, elas, as imagens, tornam-se reconhecíveis, graças às relações de semelhança que mantêm com o que representam. Sendo assim definida, toda imagem, implica uma moldura e um campo. Este é o território de ocupação da imagem, enquanto a moldura, no seu sentido literal, refere-se às fronteiras desse campo (SANTAELLA, 2012, p. 15).

A pintura é uma forma de expressão que na atualidade se dá através de telas, principalmente. As imagens são pintadas com cores, formas e texturas variadas sobre uma superfície, com milhares de cenas representadas, sejam elas de pessoas, paisagens ou abstratas. É uma forma de arte que vem acompanhando o desenvolvimento da humanidade e sofreu algumas alterações sobre a concepção primeira de pintura, como os tipos de ferramentas utilizadas pelo artista, por exemplo. Donis Dondis (1997) explica, a propósito da história e da finalidade da pintura, que

> Os desenhos primitivos, com suas cores terrosas, sobreviveram nas cavernas do sul da França e norte da Espanha como exemplos das primeiras tentativas humanas de usar imagens como meio de registrar e compartilhar informações. Desde os primórdios da civilização, a criação de imagens tem sido parte integrante da vida do homem, e foi a partir dela que se desenvolveu a linguagem escrita. Os esboços, os objetos religiosos, a mobília decorada, os mosaicos, as cerâmicas e os azulejos pintados, os vitrais e as tapeçarias mantêm, todos, uma estreita relação com a pintura, e se equiparam à escrita em sua capacidade de contar histórias. Mas, em todas as suas formas, a criação de imagens compartilha outros atributos: a contemplação da natureza, uma forma de o homem enxergar e compreender a si próprio, a glorificação de grupos ou indivíduos, a expressão de sentimentos religiosos e a decoração, para tornar mais agradável o ambiente humano (DONDIS, 1997, p. 198).

Essa elucidação de Dondis traduz perfeitamente qual é o papel da pintura, ou os papéis, como o autor menciona: uma ação fantástica que confere ao artista uma aura mágica, e a quem admira ou possui alguma obra de arte, faz sentir-se como guardião de um tesouro.

A fotografia, por sua vez, surgiu mais tardiamente, por conta de necessitar de um aparato tecnológico para capturar as imagens, o que não é o caso da pintura. A primeira câmera fotográfica surgiu entre 1820 e 1830, na França, porém, os estudos acerca dessa possibilidade de congelar imagens já vinham sendo desenvolvidos há algum tempo e por várias pessoas, quando essas ideias, muitas delas sobre a luz, foram sendo juntadas. Deu-se então o

surgimento da primeira câmera, a câmera obscura. Ramos (2009) explica o que é a câmera escura:

> A câmara escura foi usada por artistas no século XVI para auxiliar na elaboração de esboços das pinturas. De certo modo, a máquina fotográfica é uma câmara escura de orifício, incrementada com lentes e filme fotográfico. A lente convergente, a objetiva, é responsável pela formação da imagem no fundo da máquina, onde está o filme fotográfico que registra a imagem. Foi uma invenção no campo da óptica importante para a evolução dos aparatos fotográficos. Ainda hoje os dispositivos de fotografia são conhecidos como "câmeras" (RAMOS, 2009, p. 7).

Da mesma forma como ocorreu com a pintura, a técnica da fotografia também foi se desenvolvendo e se aperfeiçoando tecnologicamente. Santaella (2012) faz uma avaliação sobre a fotografia e destaca que

> Embora seja um reflexo, uma espécie de espelho, e apresente uma similaridade com o objeto que ela registra, a foto é, antes de tudo, um traço do real, marcado por quatro princípios, que têm sido colocados em relevo pelos estudiosos da fotografia: 1 – Conexão física: o objeto fotografado, de fato, estava fisicamente diante da objetiva no momento do clique; 2 – Singularidade: o instante que o clique capturou é único, singular. Mesmo que o ato se repita, o momento de cada tomada é singular; 3 – Designação: mais do que quaisquer palavras, mais do que quaisquer outros tipos de imagens desenhadas ou pintadas, a foto designa, indica o referente, funcionando quase como um dedo que aponta para algo da realidade; 4 – Testemunho: como não se pode negar que o objeto fotografado esteve lá – diante da câmera -, a fotografia dá testemunho de sua presença naquele dado tempo e espaço. Vem daí seu poder documental (SANTAELLA, 2012, p. 77).

O que Santaella afirma vai ao encontro da opinião de Barthes (1984) de que "a fotografia reproduz ao infinito o que só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente".

Apesar de serem dois meios semelhantes no que respeita à captação de imagens e ao estatizá-las, também se diferenciam na forma de fazer isso. Enquanto a fotografia é captada através de uma câmera e de forma

instantânea, a pintura tem um processo mais demorado, já que tudo é desenhado à mão. Outra semelhança apontada é a função social de ambas, que pode ser a mesma, dependendo do objetivo com que se as observa e aborda e, ainda, a forma como elas podem ser analisadas.

1.1 Portinari e *Os retirantes*

Cândido Portinari foi um artista plástico brasileiro, do período da arte moderna, um dos mais famosos. A marca de suas obras era retratar questões sociais do país e, como prova disso, destacamos a obra *Os retirantes*, de 1944, retratando uma família que foge da seca e da miséria que a assolava. Uma questão muito presente, mas que muitos não querem ver, é o que acontece com a maioria das obras de Portinari: retratar cenas que as pessoas não querem ver na sua realidade, mas que, ao serem pintadas, ganham outro olhar desses espectadores.

1.2 Carter, uma criança e um abutre

Kevin Carter é um sul-africano, fotojornalista, que se consagrou ao retratar a fome no Sudão em 1993, com uma foto que ganhou um prêmio Pulitzer, em 1994. Antes disso, Carter já trabalhava com fotojornalismo, inclusive retratando a brutalidade do *Apartheid*, como, por exemplo, uma execução pública. A foto ganhadora do prêmio, no entanto, é de uma criança, vítima da miséria e da fome que tomava conta do Sudão. Na cena, a criança aparece agachada, estava tentando chegar ao centro de alimentação da ONU. No momento em que o fotógrafo foi registrar a cena, um abutre pousou atrás da criança, dando a impressão de que o abutre estaria esperando a morte da criança para se alimentar. A foto gerou muita polêmica e críticas pelo fato de Carter não ter ajudado a criança. O fotógrafo, que sempre tivera uma vida

conturbada, suicidou-se pouco tempo depois de a foto ter ganhado o prêmio. A história da criança da foto é incerta, mas os registros são de que resistiu à fome, vindo a falecer, alguns anos depois, de uma febre causada por infecção.

2 OBJETOS EM ANÁLISE

Tendo estes dois objetos significantes como plano de fundo, a análise resultou mais próxima a matizes discursivo-sociológicos do que propriamente voltada à prática de cada arte. O estudo baseou-se na leitura interpretativa dessas imagens, para encontrar pistas de seu papel social, além de ensejar comentário sobre como foi realizada essa leitura.

2.1 Os retirantes

A obra de Portinari *Os retirantes*, de 1944, brevemente contextualizada acima, retrata uma família de retirantes que foge da seca, da miséria e da fome. Essa família é composta por nove membros e, olhando atentamente, percebe-se que a mulher carrega mais um em seu ventre. Aparentemente a família é composta pelo patriarca, um senhor mais velho que se encontra à esquerda da pintura. Na sua frente provavelmente a neta mais velha, que segura um de seus irmãos. A mãe de todas as crianças se encontra ao fundo, com um bebê no colo e grávida de outro e segurando em sua cabeça uma trouxa. Ao seu lado, o pai, que segura uma das crianças pela mão e tem outras duas ao seu lado, sendo que, na outra mão, o pai carrega uma pequena trouxa que provavelmente contém os únicos pertences da família.

Todos os integrantes dessa família, avô, pai e mãe e as cinco crianças nascidas, são muito magros e identifica-se o que pode ser algum tipo de verme em uma das crianças pela sua barriga saliente. A expressão no rosto de um deles é a mesma em todos, uma expressão triste e ao mesmo apelativa, um

pedido de ajuda para acabar ou minimizar todo o sofrimento passado por eles. A paisagem é sombria e deserta, cores neutras e nebulosas circundam o cenário, ossos pelo chão e muitos urubus sobrevoando a mesma paisagem. Todos estão descalços em um terreno irregular, com pedras e pedaços de ossos, que podem machucar-lhes os pés. As roupas que usam são muito simples e alguns deles têm chapéus para se proteger do sol escaldante da região, a julgar pelo cenário, que representa um terreno seco, rochoso. O avô se apoia em um bastão e dentre os muitos urubus que sobrevoam a céu aberto, um deles passa bem perto do topo desse bastão, fazendo uma representação da foice da morte. A morte é um elemento que está implícito, mas quando vemos esta obra é um pensamento recorrente pela imagem da família, pelo cenário sombrio, pelas cores que o artista utilizou.

Aqui é perceptível uma acentuada crítica social e que ocorre em muitos lugares, sendo uma questão muito presente. Porém, as pessoas não querem ver este tipo de realidade, preferem ignorá-la e ver apenas a face bonita da sociedade. Quando uma situação como essa é retratada, ganha mais importância, pois um artista se preocupou em captar essa essência dos personagens, do lugar. Torna-se então digna de ser interpretada. O apelo social é visto com melhores olhos, esta parcela da sociedade que vive miseravelmente ganha mais visibilidade e, apesar de ser uma cena chocante, provoca pensarmos em qual será o futuro dessas crianças e da criança que ainda está no ventre da mãe. É uma forma muito inquietante de desencadear a reflexão acerca da desigualdade social e de todos os problemas advindos dela.

2.2 A fotografia

A fotografia de Carter, como já contextualizada anteriormente, também retrata uma cena de miséria, seca e fome, seguindo a mesma linha da obra de Portinari. O cenário onde os personagens estão inseridos remete a uma

situação miseravelmente pobre, em uma região também assolada pela seca, localizada no Sudão, África. A criança que está agachada é negra, aparentemente está nua e muito magra, com os fios das costelas à mostra, o que caracteriza a situação de pobreza em que vive. Atrás dela se encontra o abutre, à sua espreita. Não podemos ter certeza se o abutre apenas está parado atrás dela ou se está esperando a criança sucumbir à sua situação. No entanto, a impressão causada é de que a segunda opção está mais próxima do que se vislumbra na imagem retratada e é por isso que essa fotografia choca tanto quando nos deparamos com ela. Ela reproduz toda a crueldade e o horror vivenciado por quem está nessa camada da sociedade, uma camada que nada possui, nem mesmo a sua própria vida.

2.3 Temas em comum, abordagens diferentes

Estes dois objetos que foram estudados têm o mesmo foco, mostrar a pobreza, a fome e a desumanidade que existem em vários lugares do mundo, com o que ninguém parece se importar. A abordagem utilizada foi diferente. Em um caso foi através da pintura, em que Portinari retratou brilhantemente uma família de retirantes e, no outro, uma fotografia polêmica e chocante, em que Carter clicou o botão no momento exato, rendendo-lhe um prêmio e centenas de críticas.

Conseguimos observar também que através da arte é possível levar educação, informação e provocar a reflexão acerca de vários temas, neste caso, o da pobreza, da desigualdade social. A arte não é somente uma obra para se observar e cultuar. Como agente social, ela pode ser uma grande ferramenta propulsora para que as pessoas tomem consciência de que, para uma reversão do quadro de miserabilidade social e cultural que avança em escala global, será necessário que a uma reflexão corresponda sempre uma ação afirmativa com essa finalidade.

CONCLUSÃO

Finalizado este estudo, foi possível avaliar que o papel exercido pela arte extrapola a manifestação estética das percepções e emoções do artista, e também tê-la como objeto de estudo para registrar uma época, um estilo, um artista. A arte é também um agente disseminador de cultura e informação, propulsor de reflexão na sociedade extremamente importante.

As obras estudadas, *Os retirantes*, de Portinari, e a fotografia de Carter, são um bom exemplo disso. Através do que retrataram seus autores, pudemos proceder a essa análise cultural, informativa e reflexiva acerca da realidade social nelas presente. Foi possível contextualizar períodos e situações, conceituar objetos e analisar a sociedade pelo olhar da arte, um olhar minucioso que se encontra em cada elemento da obra e mais além.

A arte nos permite captar até mesmo os sentimentos nela contidos e, particularmente, essa é sua característica principal e fundamental. Seja qual for a expressão artística, a partir do momento em que conseguirmos capturar a essência que lhe é tão particular, estaremos transformando-a em significado. Percebendo-a plural, estaremos causando uma transformação em nosso modo particular de vê-la. Daí que, se de alguma maneira o que vimos fez sentido para nós, então poderemos utilizar esse objeto com a intenção de despertar esse mesmo sentimento de pluralidade em outrem.

Essa reação em cadeia causada pelo olhar atento sobre determinado objeto foi observada neste artigo, uma vez que o objetivo de estudar a condição humana através de Carter e Portinari foi levado a termo tal como o próprio papel da arte propõe – fazer-se um motivo de reflexão e de autotransformação humana.

Human misery and frailty under the arts perspective: a reading of works by Carter and Portinari

ABSTRACT: This article aims to make a reading of the work retreatants Candido Portinari and photography of Kevin Carter's Pulitzer Prize winner, trying to identify how these artists reproduce in two different arts and similar at the same time, the distress that are thousands of people in different parts of the world and the weakness caused by it. This reading will be exploring in parallel the role of art in society, how it can be introduced in the social environment not only to retract it, but also as a form of education, reflection on reality.

KEYWORDS: Portinari. Kevin Carter. Society represented. Social art. Reading images.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *A câmara clara:* nota sobre a fotografia. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de janeiro: Nova Fronteira, 1984.

CARTER, Kevin. *Fotografia ganhadora do prêmio Pulitzer.* Sudão, 1993.

DONDIS, Donis. *Sintaxe da linguagem visual.* 2. ed. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NETO, Manuel Alves da Rocha. *Possibilidades de leitura na obra "Os retirantes", de Cândido Portinari.* Minas Gerais: Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

PORTINARI, Cândido. *Os retirantes.* 1944.

RAMOS, Matheus Mazini. *Fotografia e arte:* demarcando fronteiras. São Paulo: Contemporânea, n. 12, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. *Leitura de imagens.* São Paulo: Melhoramentos, 2012.